

O universo Pessoa

Leyla Perrone-Moisés

***Big bang* e expansão do universo pessoano**

A obra de Pessoa é como o universo. Está em permanente expansão. A cada dia descobrem-se e publicam-se inéditos. Dos textos já editados, revelam-se variantes e acréscimos. Ao mesmo tempo, a obra se expande em numerosíssimas traduções. Em todos os lugares, o mesmo espanto. O que antes se conhecia era apenas uma parte! E aquele que era somente um curioso poeta português confirma-se como um dos maiores do século XX!

Essa onda avassaladora, que ultrapassa as fronteiras da língua portuguesa, é o ponto de chegada de um longo percurso. Uma abundante criação efetuada à sombra, ao longo de toda uma vida, e um processo de lenta revelação póstuma. Pessoa escreveu muito e publicou pouco, pelo menos em livro. Durante sua vida, apenas foram editadas a obra *Mensagem* e plaquetes com sua poesia em língua inglesa. Alguns de seus maiores poemas e textos curtos de vários gêneros foram disseminados em revistas e jornais. Enquanto isso, ele foi guardando, numa arca que se tornaria mítica, uma enorme quantidade de escritos. Agora repertoriados na Biblioteca Nacional de Lisboa, eles somam mais de 20.000. Não era à toa que, quando lhe diziam que devia publicar sua obra, ele respondia, tranqüilo e irônico: "Deixem estar, que, quando eu morrer, ficam cá caixotes cheios."

Para efetuar um sobrevôo dessa obra imensa, em todos os sentidos, tentemos situar seu ponto de partida, seu "ovo cósmico". Digamos que ele se situa em 1914. Pessoa tinha então 26 anos. Passara sua infância e adolescência em Durban, na África do Sul, onde seu padrasto era cônsul. Recebera uma sólida educação britânica, e o inglês era sua língua tanto quanto o português. Voltara a Portugal aos 17 anos (em 1905), e depois de uma inconclusa licenciatura em letras e de uma malograda tentativa empresarial como editor, tornara-se tradutor de cartas comerciais em firmas de *import-export*. Essa atividade lhe permitia dispor de tempo para escrever. Sua estréia se fez em 1912, como crítico literário, na revista *Águia*, órgão de um movimento messiânico, o saudosismo.

Naquele ano, tudo parecia estagnado em Portugal. País litorâneo, Portugal se marginalizara, econômica e culturalmente, através dos séculos. Desde a grande aventura dos Descobrimentos, nos séculos XV e XVI, a experiência portuguesa fora a de uma longa decadência, que só conheceu uma relativa reversão no século XVIII. No início do século XX, apesar de o país ainda possuir um Império, a gerência do mesmo estava subordinada aos desígnios da Inglaterra, como o demonstrara duramente o “Ultimatum” que desta recebera. Lá fora, era a Guerra; dentro, um sentimento de falta de perspectivas políticas e sociais, de mediocridade em todos os campos. Situação vivida com quotidiana indiferença e cômoda inércia pela burguesia local, e com profunda insatisfação pelos intelectuais e artistas. A maior parte da poesia também se encontrava estagnada, nas formas e temas do século XIX. Era uma poesia, por todos os motivos, decadente. Foi então que algo aconteceu.

Segundo a versão fornecida por Pessoa, numa carta bem posterior, no dia 8 de março de 1914 ele se acercou de uma cômoda alta e, de pé, pôs-se a escrever, numa “espécie de êxtase”, trinta e tantos poemas de um poeta bucólico chamado Alberto Caeiro, que ele logo reconheceu como sendo seu mestre. Escreveu, em seguida, um poema d’“ele mesmo”, Pessoa, que foi como um regresso à sua identidade. Mas o mestre pedia discípulos. E Pessoa tratou logo de lhe dar um seguidor neoclássico, chamado Ricardo Reis, em nome de quem escreveu algumas odes. Como se não bastasse, um outro indivíduo apareceu “impetuosamente”, exigindo a palavra. E como esse novo poeta era modernista, seu poema teve de ser escrito à máquina: era uma extensa *Ode triunfal*, e seu autor se chamava Álvaro de Campos. “Criei assim - diz Pessoa - uma *coterie* inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim” (carta a Adolfo Casais Monteiro, 13 de janeiro de 1935).

Pessoa tinha efetuado seu *big bang*. Desdobrara-se em quatro poetas diferentes, criara a heteronímia. A pseudonímia (publicar sob um nome fictício) era e é uma prática literária corrente. A heteronímia seria uma experiência única. O heterônimo não é apenas um outro nome; é outra pessoa, dotada de biografia, personalidade e obra própria. E os heterônimos de Pessoa tinham personalidades e obras tão fortes que o ortônimo (Fernando

Pessoa) precisou doravante acrescentar a seu nome um “ele mesmo” que, por enfático, tornou duvidosa sua realidade substancial. Tendo entrado no jogo da ficção, o “ele mesmo” também passou a existir como um heterônimo.

Hoje se sabe que aquele “dia triunfal” de 1914, relatado pelo poeta, é apenas o episódio culminante do mito pessoano. Afinal, nenhum universo se faz em um só dia. O estudo de seu espólio tem revelado que os heterônimos não surgiram assim de repente, que seus poemas tiveram numerosos rascunhos e correções, enfim, que a elaboração dos mesmos foi bem mais lenta e espraiada no tempo do que dizia o poeta naquela famosa carta-depoimento. Mas, ao invés de nos decepcionar, a revelação de “como as coisas realmente se passaram” mostra-nos a excepcional dimensão da criação pessoana. O “dia triunfal” e a carta onde ele o inventou são agora parte integrante de sua obra. E como dizia o poeta: “O mito é o nada que é tudo.”

O “Ele mesmo”

A obra toda de Pessoa repousa sobre a questão da identidade. Cada uma de suas personalidades coloca a pergunta “Quem sou?”, e, a cada vez, encontramos uma tentativa particular de resposta.

Apenas para tornar mais clara esta apresentação dos poetas-Pessoa, começaremos por Fernando Pessoa “ele mesmo”. Logo se verá o quanto esta distinção, e a primazia do nome próprio que ela supõe, são duvidosas. O ortônimo é o poeta lírico de *Cancioneiro*. Aparecem, em seus poemas, três atitudes relativas à questão da identidade. Uma especulação religiosa, neoplatônica: num mundo ideal e anterior, o “eu” foi uno e inteiro; agora, em sua existência infeliz, ele é apenas o sonho de um deus oculto. Uma hipótese de troca: o poeta foi trocado por outro, falso e farsante; ou deseja trocar de posição com alguém desprovido de consciência e, por isso, mais feliz (uma camponesa que canta, um gato que brinca na rua, qualquer um ou qualquer coisa, contanto que seja outro). Uma reação de fuga à auto-consciência, no sono, no esquecimento ou na morte.

Assim, o ortônimo é o poeta do mistério, da melancolia e do sonho. Entre seus olhos e o mundo há uma névoa, um intervalo de bruma que desrealiza o real. Entretanto, sua inteligência sempre em vigília teima em perscrutar essa bruma, recusando a fuga pelo sonho, que faria dele apenas um romântico tardio. Por essa tendência reflexiva, Pessoa “ele mesmo” é um poeta-filósofo que, enveredando por caminhos esotéricos ou esmiuçando analiticamente os conceitos e os próprios mecanismos da consciência, desemboca em paradoxos nos quais se evidencia a crise da metafísica ocidental.

Pessoa “ele mesmo” é também o autor de *Mensagem*, único livro em português publicado em sua vida (1934). *Mensagem* é um conjunto de poemas sobre Portugal, sua história e seu destino. Defensor de um “nacionalismo místico”, o poeta aí evoca o passado de seu país, com a intenção de lhe sugerir um futuro. Referindo-se à figuras míticas da história portuguesa e à gesta dos Descobrimentos, o poeta anuncia um alto destino para sua pátria. A volta de D. Sebastião, rei desaparecido numa batalha do século XVI, coincidiria com a realização do 5º Império, anunciado nas profecias de Bandarra e Nostradamus, retomadas pelo Padre Vieira. Esse Império, que Portugal estaria fadado a instaurar, seria um império espiritual, e nele se realizaria plenamente a vocação universalista e civilizacional de seu povo.

A rigorosa composição do livro, embasada na Cabala e na astrologia, dá a seus poemas um caráter emblemático. A enunciação épica indicia um diálogo com a grande epopéia renascentista portuguesa, *Os Lusíadas*. Mais de uma vez, Pessoa proclamara a necessidade e a iminência do surgimento de um “Supra-Camões” que, como D. Sebastião retornado, asseguraria a Portugal o cumprimento de sua missão cultural. Tudo indica que esse “Supra-Camões” era o próprio Pessoa, que disso estava ciente. Em *Mensagem*, como em toda a obra pessoana, o mito é promovido à categoria de verdade maior, porque ele é condensação de valores e estímulo às grandes ações.

O ortônimo é ainda autor teatral. Já em 1913, escrevera o “drama estático” *O Marinheiro*, peça de ressonância simbolista em que a palavra substitui a ação. E durante longos anos trabalhou na tragédia metafísica *Fausto*, que deixou finalmente inacabada. Resta ainda mencionar a abundante obra ensaística de assinada por Fernando Pessoa, que abrange questões literárias, políticas, econômicas e filosóficas. Será este ensaísta o mesmo autor dos poemas e peças teatrais, ou apenas um homônimo?

Os outros

Os três poetas supostamente aparecidos no “dia triunfal” não foram os únicos *alteregos* de Pessoa. Em seus escritos, ficaram registrados muitos outros nomes, com ou sem obra, heterônimos plenos ou semi-heterônimos: Vicente Guedes, que depois se tornou Bernardo Soares, autor do *Livro do Desassossego*; Alexander Search, Charles Search, Charles Robert Anon e Thomas Crosse, que escreviam em inglês; A. A. Crosse, que participava de concursos de palavras cruzadas e charadas do *Times* britânico; Abílio Quaresma, autor e protagonista de contos policiais; o Barão de Teive, autor de uma obra pedagógica; António Mora, teorizador do neopaganismo; Raphael Baldaya, astrólogo; Jean Seul, que escrevia em francês; e mais alguns tantos, de que só restaram alguns vestígios.

Escrever como se fora outro é a maneira característica de Pessoa. O fingimento é a base de sua poética, e sobre isso ele nos deixou longas explicações. Há vários graus na poesia lírica, diz ele. No 1º grau, o poeta exprime o que sente; no 2º, imagina sentimentos, “vivendo cada estado de alma antes pela inteligência do que pela emoção”, unificando-os apenas pelo estilo; no 3º grau dessa escala, o poeta se despersonaliza e faz, de cada estado de alma uma personagem diferente. “Dê-se o passo final, e teremos um poeta que seja vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia lírica” (*Páginas íntimas e de auto-interpretação*). Este fingimento ou ficção é, para Pessoa, a forma superior da atividade poética, e sobre ela não deve pesar a condenação moral da insinceridade. Primeiramente, o fingimento é uma busca indireta da verdade: “Fingir é conhecer-se” (*Páginas de doutrina estética*). Em seguida, para comunicar o que realmente sente, o poeta precisa formulá-lo intelectualmente, sem o que o sentimento carece de universalidade. E, ao comunicar o “falso”, obtém no leitor o efeito verdadeiro, isto é, correspondente ao sentimento original. Toda essa teorização exprimiu-se, de modo lapidar, naquela que se tornaria a mais célebre estrofe de Pessoa “ele mesmo”: “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente” (*Autopsicografia*).

A heteronímia plena do “poeta dramático” realizou-se na criação de três alter egos principais. Alberto Caeiro, o “mestre”, nasceu, como Pessoa, em 1888, mas morreu antes deste, em 1915. Tuberculoso, viveu solitário no campo, de cuja contemplação extraiu sua sabedoria. Sua obra se compõe de três séries de poemas: *O Guardador de rebanhos*, *O Pastor amoroso* e *Poemas inconjuntos*. Anti-intelectual, Caeiro propõe uma relação simples e direta com o mundo sensível. O olhar é o sentido privilegiado em sua obra, não o olhar da filosofia reflexiva, que separa o sujeito do objeto, mas aquele em que a representação mental do objeto desaparece, em proveito de uma cognição sensorial. A supressão da dicotomia sujeito-objeto, a recusa de toda interpretação psicológica ou religiosa do universo, a harmonia e a calma daí decorrentes, são as razões de ele ter sido considerado “pagão” por seus discípulos. De fato, a filosofia de Caeiro assemelha-se à dos gregos pré-socráticos e à sabedoria oriental. Caeiro funciona, na *coterie*, como o antídoto ao intelectualismo de que sofrem os outros.

Ricardo Reis nasceu em 1887, e sobreviveu a Pessoa. Era médico, monarquista, e por isso exilado no Brasil. Fiel a sua formação helênica e latina, Reis é um poeta neoclássico, autor de *Odes* inspiradas de Horácio, nas quais defende um altivo estoicismo ou um “epicurismo triste”. Descrente da utilidade da ação, já que acima dos homens vivem deuses indiferentes, e acima de todos paira o Destino, Reis postula o desapego e a ausência de desejos como receita de tranqüilidade. Reis é um poeta essencialmente ético. O rigor de sua postura moral se manifesta em poemas de enunciação severa e métrica precisa, onde abundam as máximas. Reis é também o principal teorizador do neopaganismo, que teria aprendido com Caeiro.

Álvaro de Campos é o heterônimo mais saliente do conjunto. A ele, Pessoa delegou a função de manifestar-se em público, de apoiar causas escandalosas e de produzir uma obra de vanguarda, em consonância com os *ismos* que então explodiam na Europa. Como o mais extrovertido dos heterônimos, Campos representou, para o homem Pessoa, uma catarse: “Pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida”. Nascido em 1890, era engenheiro naval por profissão, cosmopolita por formação (estudou e viveu na Grã-Bretanha), histérico ciclotímico por constituição psíquica. Viajou pelo Oriente e, de passagem por Portugal, encontrou Caeiro. Diferentemente dos outros, e como uma pessoa

real, Álvaro de Campos é um ser em mutação, do qual conhecemos três fases: uma fase juvenil, em que ele se apresenta como um *dandy* entediado e um poeta decadente; uma fase eufórica, em que ele produz grandes odes modernistas inspiradas por Whitman e informadas pelo futurismo; e uma terceira fase, disfórica, em que ele faz o balanço de seu malogro existencial, numa atitude de desistência e auto-ironia. Desta fase são alguns dos maiores poemas pessoanos, como o famoso *Tabacaria*.

Além de evoluir, Álvaro de Campos manifesta, como Pessoa, uma tendência a dobrar-se em outros eus, numa heteronímia em 2º grau. A temática de Campos é a do eu fragmentado pela consciência metafísica da distância entre o sujeito pensante e o mundo real. O elogio da vida moderna e das viagens tem sempre, em seus poemas, um contraponto grave: a nostalgia da infância e o apelo a uma noite maternal e consoladora. É curioso observar, ainda, que Campos tinha tal consistência que chegou a interferir na própria vida de Pessoa, perturbando suas relações com a noiva Ophélia. Na última fase da vida do poeta, Campos absorve, de certa maneira, o “ele mesmo”, tornando-se então difícil distingui-los. Como no caso de Reis, Pessoa não forneceu atestado de óbito a Campos.

Momentos e movimentos

A vida e a obra das *personae* pessoanas evoluem paralelamente, cruzando-se em alguns momentos-chave e passando pela criação de sucessivos movimentos literários.

O primeiro momento de intervenção coletiva da *coterie* foi a publicação, em 1915, da revista *Orpheu*. Surgida como uma revista de vanguarda moderada, ainda muito presa ao decadentismo do século anterior, *Orpheu* ganhou importância no momento em que dela se apossaram Pessoa e seu amigo, o poeta Mário de Sá-Carneiro. A reação desfavorável do grande público e o suicídio de Sá-Carneiro em Paris (1916) puseram fim a essa aventura editorial e existencial. *Orpheu* teve, sobretudo, a função de revelar ao público os poetas-Pessoa.

Nos textos aí publicados, em seu próprio nome ou em nome dos outros, Pessoa efetua a passagem do decadentismo aos movimentos de vanguarda do século XX. Mas em

vez de aderir aos *ismos* existentes, Pessoa inventou seus próprios *ismos*. O primeiro passo foi dado com o estilo chamado de paulismo, a partir da palavra *Paúis*, título de um poema publicado por ele na revista *Renascença*, em 1913. Em seus escritos teóricos, Pessoa caracteriza o paulismo como o desenvolvimento do simbolismo até seu ponto extremo. As inovações desse estilo são a associação livre de significados e significantes, a libertação da imagem com relação à lógica e as extravagâncias sintáticas. Do simbolismo, o paulismo conserva o gosto pelo vago, o uso de um vocabulário precioso e o emprego abundante das maiúsculas.

O passo seguinte foi a criação do interseccionismo, que se caracteriza, como o cubismo na pintura, pela apresentação simultânea de percepções múltiplas e concomitantes. Exemplificam esse “movimento” os seis poemas de *Chuva oblíqua*, de Fernando Pessoa “ele mesmo” (publicados em *Orpheu* n° 2, 1915).

O terceiro passo, o mais importante, foi o sensacionismo, cujo representante maior é Álvaro de Campos. Enquanto os dois “movimentos” anteriores foram reconhecidos por Pessoa como artificiais e pouco sérios, o sensacionismo foi intensamente praticado e teorizado por ele. Na verdade, o sensacionismo é a síntese de sua “poética não aristotélica”, na medida em que ele postula a pluralidade das sensações (o que é germe de heteronímia), assim como a passagem da sensação pelo crivo da consciência, fazendo dela uma sensação transmutada e não simplesmente representada (o que é a base da poética do fingimento). Embora devedor do futurismo, o sensacionismo dele se diferencia, porque alia o decadentismo ao elogio da vida moderna, paradoxo que Pessoa explica considerando que só os seres fracos e decadentes têm tal atração pela força e pelo movimento.

Desaparecida a revista *Orpheu*, o sensacionista Álvaro de Campos fará sua *rentrée* espetacular em 1917, no número único de *Portugal futurista*. Pessoa “ele mesmo” o acompanha nessa publicação, mas parece aí bastante deslocado, com seus poemas ainda iluminados por um luar decadente. O futurismo de Campos é bastante original e, em alguns pontos, até mesmo oposto ao modelo marinettiano. Quanto a Pessoa “ele mesmo”, este contrasta fortemente com o verdadeiro futurista português, o pintor e escritor Almada Negreiros.

Nesse mesmo ano de 1917, Reis, Campos, Pessoa e Mora estão empenhados na defesa do neopaganismo. O projeto neopagão ultrapassa as fronteiras da literatura; é uma metafísica, uma ética e uma política, além de uma estética. O movimento tem um ambicioso objetivo sócio-cultural: corrigir os erros da civilização cristã, responsável pela decadência do Ocidente, recuperar a clarividência e a saúde mental das civilizações pagãs, Grécia e Roma.

Enquanto isso, outras revistas tentam dar prosseguimento ao projeto de *Orpheu*, e os poetas-Pessoa nelas comparecem. Na revista *Athena* (1924), Reis publica suas melhores odes, e Álvaro de Campos assume o papel de teórico principal. Na *Presença* (1927), que marca o aparecimento de uma nova geração de poetas, Pessoa é acolhido como um mestre. Nessa altura, ele já havia desistido de seus *ismos*, como de muitas outras coisas inessenciais. Sua obra estava feita, e prescindia de justificativas teóricas.

Essa abundância de revistas e grupos atesta que Pessoa não foi um poeta isolado, um caso único, mas sim o maior talento de toda uma brilhante geração de poetas e artistas portugueses que, nas primeiras décadas de nosso século, desenvolveram uma intensa atividade.

O Livro do Desassossego

O *Livro do Desassossego* é um conjunto de fragmentos em prosa, uma espécie de diário escrito por um ajudante de guarda-livros, o semi-heterônimo Bernardo Soares (que, inicialmente, se chamava Vicente Guedes). Os fragmentos esboçam uma tênue linha narrativa, constituída por breves dados sobre o passado de seu autor e pelos pequenos incidentes de seu cotidiano; mas, na maior parte, são páginas de descrição que, como a narração, levam a considerações filosóficas, psicológicas e estéticas. Reencontramos aí os grandes temas do Pessoa ensaísta: o real e o sonho, o isolamento e a fama, as dificuldades de viver e de amar, a busca malograda de uma identidade, as alegrias e as torturas da criação literária.

O que aí se narra é um anti-romance, na medida em que se trata de um personagem-narrador desprovido de qualquer traço relevante, cercado de personagens medíocres, vivendo em ambientes tediosos. As grandes aventuras, como sempre ocorre na obra de Pessoa, são

mentais. Mas essas aventuras mentais não são meras compensações imaginárias de um real insatisfatório; são um mergulho nauseado da consciência em sua própria insatisfação, para dissecar cada sentimento e esmiuçar cada idéia, até a beira da auto-destruição.

A atenção ao pormenor, mania pessoana levada aqui a extremos de obsessão, acaba por ultrapassar o domínio restrito de uma subjetividade infeliz, e desemboca numa experiência metafísica. O olhar, detido num tinteiro ou num monte de lixo, termina por fixar-se nos céus e nas estrelas. Justamente por ter sido amado em suas formas mais insignificantes, enfrentando um sentimento inicial de náusea, o real se abre de repente, e cada objeto se revela como símbolo do universo e da existência humana. Operação alquímica, indiciada pelo nome da rua em que vive o guarda-livros, a Rua dos Douradores. Alquimia relativa, é bem verdade, porque “não há ouro nunca na alquimia factícia da vida”. Daí, talvez, a escolha da Rua dos Douradores, e não da mais autêntica Rua do Ouro, também existente em Lisboa, a dois passos da primeira.

A repugnância de Soares pela ação, e a escolha do sonho como opção mais digna, são características de muitos artistas de seu momento histórico. Além de ser herdeiro mental de Edgar Poe e Baudelaire, que já no século anterior tinham voltado as costas a uma realidade onde a arte não encontrava lugar, Soares é um português da virada do século, imbuído do sentimento da decadência e cético diante dos acontecimentos políticos contemporâneos.

Na passagem do século XIX para o XX, numerosos pensadores apontaram uma profunda crise no pensamento ocidental e, num movimento oposto ao racionalismo positivista, tentaram encontrar saídas dessa crise pelas vias da intuição, da fé ou da arte. Próximo de Nietzsche, de Kierkegaard, de Bergson, Soares descrê da razão e da ciência, e busca, na arte, valores que possam regenerar esse mundo em decadência. Embora identificado com Nietzsche, quando afirma que “as decadências são férteis em virilidade mental”, Soares tende para um ceticismo e uma abdicação radicais. Não acredita em Deus nem no Homem que, segundo ele, seria o substituto de Deus, numa nova religião humanitária que lhe repugna tanto quanto a antiga. Aristocrático, esteta, olha de cima e de longe as agitações sociais e políticas.

Reacionário, esse guarda-livros, como o seu criador? Muita tinta correu para acusar o homem Pessoa de reacionário e até mesmo de fascista. Atualmente, a crítica parece ter chegado a uma avaliação mais justa, ao reconhecer nele um liberal conservador, cujas propostas políticas, às vezes equivocadas, tinham sempre um objetivo eminentemente cultural e artístico. No caso de Soares, é indispensável considerar o caráter irônico e provocador de muitas de suas afirmações. O guarda-livros olha o mundo com desprezo, do alto de seu quarto andar da Baixa. Mas, lúcido, olha-se a si mesmo sem complacência. Reconhece-se como um desclassificado, irmanado pela pobreza com o moço de fretes ou o barbeiro da esquina e, pela aspiração poética, com o saltimbanco Shakespeare e o “vadio Dante Alighieri”.

O *Livro do Desassossego* pode deixar deprimido quem dele se aproxime demais. Mais do que qualquer obra de Pessoa, esse livro tem por matéria a angústia e a evanescência do sujeito. É difícil suportar sua leitura ininterrupta, de tal forma ele nos contagia com sua insidiosa negatividade; entretanto, ele nos surpreende, a cada passo, com formulações de uma beleza fulgurante. O texto, esta é a alquimia plenamente realizada por Pessoa/Soares. Tematizando o tédio, o malogro, a inação, o impasse, sua escrita é, paradoxalmente, uma ação prosseguida sem arrefecimento e finalmente vitoriosa.

Toda a tristeza é aí canalizada para desembocar num belo texto, fim e compensação de tudo. O objetivo principal de Soares não é registrar estados de alma, por auto-análise ou projeção em paisagens, como se pode crer, numa leitura ingênua. Tudo é aí pretexto de uma busca de linguagem; não aquela que melhor exprima estados de alma, mas a que transforme estados de falta de alma em palavras nítidas e plenas. Porque a literatura “torna o mundo real”, dando-lhe forma e permanência.

Importância de Pessoa

A grande razão do interesse crescente suscitado por Pessoa reside no fato de ele ter cifrado, em suas diferentes personalidades e nos debates que elas travam, os principais

problemas da filosofia e da arte ocidentais. Como aquela famosa janela portuguesa de Tomar, chamada de “janela dos nós”, Pessoa é um espaço onde se exibem todos os nós do Ocidente.

Apesar de suas diferenças, todos os poetas criados por Pessoa colocam a questão da difícil harmonização de dois verbos: sentir e pensar. Ora, desde as posturas paradigmáticas de Platão e Aristóteles, adaptadas posteriormente à doutrina cristã por Santo Agostinho e São Tomás de Aquino e retomadas em seguida, com todas as variantes possíveis, pelos pensadores da idade moderna, a relação da sensação com o conceito tem sido a pedra de toque da filosofia ocidental.

Pessoa explora, através de seus heterônimos, todas as possibilidades dessa reflexão. Ora propõe, na linhagem platônica, a primazia e a anterioridade da Idéia sobre a sensação: “Já viram Deus as minhas sensações”; ora, na via aristotélica, postula a precedência da sensação e sua posterior elaboração intelectual: “só para pensares sente”. Experimenta abolir o pensamento: “Porque pensar é não compreender”; ou deixar de sentir: “Eu simplesmente sinto / Com a imaginação. / Não uso o coração. [...] / Sentir? Sinta quem lê!”. Hesita entre as duas formas de conhecimento: “E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com o que eu penso, / Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida”. Funde e sincroniza as duas formas: “O que em mim sente ‘stá pensando”. Toda a obra de Pessoa repousa sobre essa dicotomia, que ele examina de todos os ângulos, até o impasse: “Se ver é enganar-me, / Pensar um descaminho, / Não sei”.

Sendo de ascendência judaica, Pessoa deu-se alter egos “gregos”. Enquanto o ortônimo cultivava o ocultismo gnóstico e cabalista, os outros procuravam recuperar “a claridade de meio-dia” da Antigüidade greco-romana. Judeu-grego, Pessoa emblematiza o nó filosófico em que consiste nosso ser ocidental: o compromisso cego com a Lei oculta e a grande confiança na racionalidade; a culpa e a inocência; a cisão e a harmonia. A dualidade básica do pensamento ocidental, já presente nos gregos mas mantida em equilíbrio no período áureo, transformada em *agônia* no pensamento cristão, é encenada pelas *personae* pessoanas, num drama em que reconhecemos nossos dilemas: “Sempre uma coisa defronte da outra [...] / Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície”.

Do ponto de vista estético, Pessoa é igualmente um nó górdio. Grande poeta da modernidade? Complexa modernidade, a de Pessoa. Encarnado em Álvaro de Campos, ele é

um vanguardista ruidoso, defensor e criador de *ismos* do século XX; mas seu futurismo é saudosista, a vida moderna o inebria tanto quanto o cansa, estimulando-o e deprimindo-o em igual proporção. Como “ele mesmo”, continua a escrever sonetos perfeitos e a cultivar as névoas lunares do simbolismo, recusando-se, aristocraticamente, a ingressar no coletivismo plebeu do século XX. Como Caeiro, escreve num verso tão livre da métrica como de qualquer escola ou movimento datáveis, atemporal no que tange a sintaxe ou o léxico. Como Reis, retoma os modelos latinos, num neoclassicismo mais rigoroso que o de qualquer de seus contemporâneos. Assim, defendendo ocasionalmente as rupturas vanguardistas e cultivando, no mais das vezes, uma tradição sutilmente renovada, Pessoa atravessou o século incólume, sem estar na moda nem sair dela.

O surgimento de tão grande poeta em Portugal não é, na verdade, um acaso ou um milagre. Pessoa é a resultante de uma riquíssima tradição poética que se manteve, sem quebra de qualidade, desde a Idade Média. Ele absorveu e atualizou as conquistas dessa tradição, desde o conceptismo de Camões e Sá de Miranda até o realismo e o simbolismo de seus predecessores imediatos, Cesário Verde e Camilo Pessanha.

O *Livro do Desassossego*, em suas inúmeras facetas, é uma espécie de mostruário de tudo o que se fez na literatura ocidental desde o romantismo alemão, passando pelo decadentismo finissecular, até as invenções léxicas e sintáticas mais ousadas do século XX; e não necessariamente nessa ordem cronológica. Da máxima clássica ao poema em prosa, deste à poética fragmentária moderna, tudo cabe e desfila na prosa fluida de Guedes/Soares.

Mas o grande nó, que Pessoa atou e desatou, para mostrar os fios múltiplos que o constituem, é o nó do sujeito. Dividindo-se em vários eus, Pessoa exibiu a falha sobre a qual assentamos nosso ser, como ser de linguagem. Deixando esses diferentes eus como elementos autônomos de um conjunto aberto, partes de um todo incognoscível, assinalou a fragmentação ontológica do sujeito moderno. Foi mais longe do que qualquer outro escritor nessa exploração, porque não se limitou a mostrar a banalidade psicológica de que somos diversos segundo o lugar e o momento, mas viveu e registrou, assustadoramente, a experiência de que essa aparente riqueza do ser humano (sua pluralidade) é o abismo sobre o qual equilibramos a frágil ficção da personalidade. E que, sendo ficção, a personalidade é permanente elaboração. Tarefa de que ele se desincumbiu, enquanto artista, em perfeita

coerência com sua concepção da arte. E só aí Pessoa é sempre o mesmo, aquele que acredita na arte como suplência do que na vida não basta, fingimento verdadeiro, forma que permite transmutar o nada em tudo; sem ilusões sobre a substância do ser, mas com uma inabalável confiança na capacidade simbólica do homem, que lhe permite criar-se a si mesmo e recriar o mundo.

Esses nós filosóficos e estéticos que se tramam no texto pessoano continuam sendo, nesta passagem de século, os nossos. E essa é uma razão de nosso apego à sua obra. A outra razão, maior, é o modo como ele atou esses nós, em palavras tão misteriosamente certas, em poesia. Aquele que repetidamente afirmou ter falhado em tudo cumpriu plenamente sua missão: “Tornando-me assim, pelo menos um louco que sonha alto, pelo mais, não um só escritor, mas toda uma literatura, quando não contribuisse para me divertir, o que para mim já era bastante, contribuo talvez para engrandecer o universo, porque quem, morrendo, deixa escrito um verso belo deixou mais ricos os céus e a terra e mais emotivamente misteriosa a razão de haver estrelas e gente” (*Páginas íntimas e de auto-interpretação*).

Versão original do texto publicado em francês no catálogo da exposição “L’Univers Pessoa”, no Centre Culturel de la Communauté française de Wallonie, Bruxelles, 1991.